

Arte e Educação

Formação do Professor

Arte Africana OU Artes Africanas?

Valdinei José Arboleya*



*Educação para a
multiplicidade e
relativismo cultural é o
primeiro passo para um
posicionamento
analítico frente às
formas de expressão
destes povos.*



história da arte africana, sobretudo, as pesquisas realizadas nos últimos anos, vem buscando situar a produção artística das culturas africanas sob uma perspectiva relativista cujas abordagens históricas de cada povo, nação, reino, enfim, de cada cultura a do imenso continente africano revela produções de alta definição estética e técnica. Sob essa ótica a arte africana não pode ser definida apenas como uma arte de princípios e funções utilitaristas pelas temáticas estreitamente remetidas à natureza e à religião, mas como uma arte muito próxima do cotidiano onde a experiência estética e a noção de contemplação se confundem e se associam com a vida diária fazendo do produto artístico uma parte da vida.

A experiência artística e estética de nossas realidades culturais, onde, na maioria dos casos, a arte é legada à função de um especialista e a apreciação estética é entendida como algo que demanda tempo, conhecimento elitizado e vocação, não pode ser integralmente transferida às culturas africanas onde as artes gráficas e plásticas se encontram, de modo muito particular, mescladas com expressões estéticas menos tangíveis como a literatura, a música e arte dramática e nelas encontram plena significação enquanto produto artístico, cultural e social, pela maneira como são envolvidas nessas expressões artísticas. É importante ressaltar que o que faz da arte uma vivência cotidiana nestas culturas é o aspecto social, pois a constituição da arte está intimamente ligada à celebração da vida em situações que são significadas pela coletividade e se manifestam plenamente em simples aspectos como a pintura dos corpos, a vestimenta ornamentada e preparada para um fim específico ou mesmo os adereços minuciosamente confeccionados segundo um apuro estético que diverge de cultura para cultura dentro do próprio continente africano.

Entendendo que os aspectos culturais e sociais estão intrínsecos na arte de uma dada sociedade, é imprescindível que, ao apresentar, analisar e refletir sobre esta arte se considere a realidade sociocultural nela circunscrita. Esta verdade universal é válida para toda a arte de toda cultura e é, portanto, indispensável que se verifique a situação produtiva além do produto. O padrão de beleza artístico adotado num feminino hoje, por exemplo, não seria facilmente relativizado de acordo com a abordagem barroca ou neoclássica, da mesma maneira como para nós hoje seria custoso aceitar como belas certas construções estéticas do barroco, onde mulheres de formas muito arredondadas despontavam como indicadores de um ideal de beleza para as construções estéticas do

artista, da obra em si e do público de então, recordando aqui Antonio Candido, para o qual a obra de arte tem uma “forma orgânica” e a sua constituição estética leva em consideração a dinâmica de trocas ou relações que existem entre artista, obra público, inerentes da cultura, da sociedade e do período histórico preciso através de uma interação social (CANDIDO, 1980: 21).

Outra situação que nos leva a uma interessante reflexão quando aludimos à condição sociocultural da arte, pode estar, por exemplo, na busca da compreensão do modo pelo qual um heleno – homem grego da antiguidade, para quem a arte se liga mitologia buscando definir a partir dela a perfeição das formas na imagem de deuses e deusas além da natureza pura e relacionando esta idéia de beleza ao equilíbrio da proporção das partes com o todo – reagiria ao ver uma mulher pintada de azul ou com o rosto propositalmente alongado como as pintava Modigliani (1884 – 1920) em sua estética revolucionária da beleza feminina.

O consenso social, portanto, é algo diferente em cada período histórico nos quais a arte se liga. Há uma realidade social e cultural da qual a arte é parte concisa e possui uma função social a partir do momento de sua concepção, com o resultado de uma dada organização cultural. No caso da arte africana, em suas múltiplas linguagens, manifestações e padrões culturais, isto não é diferente, trata -se de produções conectadas a culturas organizadas que demanda conhecimento a cerca da realidade cultural de sua criação e reconhecimento da idéia de arte como manifestação da vida cotidiana. É preciso que se considere a arte na realidade cultural da África como propõe Herskovits (1964:179), como uma manifestação que prima pelo todo embelezamento da vida cotidiana, comum e que conseguido com habilidade de saberes e experiências específicas.

Nesse sentido, merece muita atenção o aspecto múltiplo e dinâmico da arte e da cultura africana que envolve estas criações numa idéia de singularidade que é impossível dentro de um continente tão vasto. As expressões “arte africana” e “cultura africana”, cunhadas corriqueiramente, soam de maneira redutora no sentido de amalgamar uma produção técnica enormemente vasta cujas expressões estilísticas e ontológicas são ainda mais variadas. Uma simples observação imediata já nos revela a notoriedade da existência de distinções quanto às formas de produções, isto é, as culturas, e os produtos, ou seja, a arte. O emprego de domínios técnicos e estéticos diferem tanto por conhecimento e por experiências culturais de cada reino ou sociedade da África

tradicional, quanto pela preferência dos artistas, neste caso entendendo que a arte pode ser resultado da competência técnica de um criador sobressaído, inepto como também da atuação de muitos expectadores numa elaboração estética que envolve a plasticidade e o grafismo das produções africanas em outras expressões estéticas como a oralidade, a *performance* e a música.

Uma proposta pedagógica da arte africana dentro da arte-educação deve assinalar a sua circunscrição histórica, geográfica e cultural com a mesma preocupação com que situa uma obra de arte do renascimento cultural europeu às suas conexões históricas, sociais e culturais marcando as questões que pontuam especificidades estéticas alusivas à época e a cultura. Em outras palavras, o educador tem a função de contribuir para a quebra de visões maniqueístas que permitam singularizar as artes das sociedades e reinos da África ou caracterizá-las como “arte primitiva” ou “selvagem”. O tratamento pluralista destas manifestações estéticas e artísticas contribui para a quebra de visões reducionistas e etnocêntricas que rotulam os produtos culturais africanos como uma arte única diante do mundo além de se inserir numa forma de resgate destas produções historicamente minimizadas pelas ideologias que se foram construindo desde o renascimento europeu e que culminaram na escravidão destes povos nas Américas e na colonização do continente africano.

É preciso patrocinar corpos discentes e docentes capazes de apreciar um produto artístico-cultural africano com os mesmos olhos de distinção e particularidade com que se apreciam o produto europeu, isto é, que reconheçam sua peculiaridade histórica e cultural em detrimento da sua própria realidade social, mas que este seja um olhar de apreciação pelo mérito e pela distinção e não pelo reforço da diferença e das vulnerabilidades históricas da colonização.

Para Ana M. Barbosa, a situação política e conceitual do ensino de arte deve receber o estudante como conhecedor em formação: “o que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte.” (1996: 32). Faz-se imprescindível, contudo, que essa formação seja estimulada a partir de proposições muito relativistas independentemente da origem e função da arte, fazendo do ensino de arte uma porta para o conhecimento e o reconhecimento da habilidade técnica e da estética de cada cultura. Continua a autora: “uma sociedade só é altamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público” (idem: 32).

Acrescentaria em sua fala, tomando como base nosso propósito de acentuar o tratamento relativista à arte africana dentro da escola, que uma sociedade desenvolvida precisa criar mecanismos para efetivar uma educação para as relações étnico-raciais onde não se compreenda e aprecie como objeto de distinção apenas aquilo que é oriundo de sua cultura ou das influências culturais – ideológicas – que se recebe, mas que esteja propensa a reconhecer a capacidade criadora, as significações e as simbologias de outras culturas, em especial àquelas em que não há comunhão dos mesmos padrões e convenções sociais ou que foram, no caso da cultura africana no Brasil, minimizadas, sincretizadas quanto às influências e mesmo a híbridas impingida ao longo do processo histórico e cultural.

Pautando-se nessa reflexão, podemos, enquanto professores, patrocinar a seguinte reflexão a cerca das questões estéticas dentro da arte-educação: se a imagem de uma bela mulher barroca não é bela para os padrões da contemporaneidade, mas é historicamente explicada e compreendida; se a imagem revolucionária de uma mulher retratada por Modigliani, cujo traço compensado pelo perfeito domínio da linha e pela riqueza da expressão da cor não intenta alcançar a perfeição da imagem física e sim revelar um ser humano comum e resignado, pode ser assimilada pelos julgamentos estéticos de hoje como uma demonstração de singularidade e trivialidade ao mesmo tempo, com que olhos permitimos que nossos estudantes apreciem a imagem de uma mulher africana? Com os olhos de distinção da história cultural específica ou com os olhos de distinção da história colonial e escravista que envolveu estes povos numa vulnerabilidade social?

A noção de beleza que constituiu cada período histórico é muito distinta entre as culturas euro-americanas e as culturas africanas. A abordagem desta temática já é complexa por si só, ao inserirmos nela questões de especificidades culturais tão polarizadas, como é o caso da noção de beleza para um latino-americano e para um cidadão de Gana, ela torna-se ainda mais delicada, exigindo um profissional pesquisador e livre de preconceitos étnicos e culturais.

A propósito das mulheres de Gana, reflatamos um pouco mais. Existe ali uma especificidade muito peculiar praticada também em outras culturas asiáticas, que são as “mulheres-girafa”. As transformações que estas mulheres operam no corpo são manifestações culturais que refletem a originalidade e a peculiaridade desta sociedade que evocam ao mesmo tempo esta noção de relativismo e especificidade cultural que

vimos enfocando e a própria experiência da arte enquanto parte da vida cotidiana, que envolve uma noção de beleza muito singular a qual nos parece muito custosa aceitar como possibilidade de embelezamento da vida ordinária, mas realmente o é. A manifestação cultural feita por intermédio do corpo praticada por algumas mulheres de Gana potencializam o corpo como uma referência de beleza, porém, com noções estéticas completamente distintas das experimentadas nas culturas euro-americanas. A forma com que aumentam o cumprimento do pescoço, usando aros metálicos que formam um espiral em forma de colar que são colocados gradativamente desde a infância, constitui uma tradição milenar.



Mulheres da etnia *Padaung*, em Tha Ton – atual *Mianmar*.

A imagem a seguir, também de uma realidade cultural típica de Gana, nos fornece outro interessante parâmetro para reflexão. Trata-se de uma mulher africana tipicamente ornamentada cujo adorno não é apenas uma criação estilística ou uma especificidade da moda africana, mas constitui, em termos gerais, uma criação artística segundo os moldes da cultura a que pertence neste caso, a cultura de Gana onde a estilização é feita utilizando conchas, um elemento muito fortemente evidenciado em algumas culturas africanas quanto à sua utilidade ritualística e religiosa: “No oeste da África, as conchas são ainda usadas para muitas coisas, incluindo, vestimentas, tambores, chapéus e para esculturas rituais, assim como máscaras e estatuetas. Elas também são usadas para

prever o futuro: adivinhos lançam previsões que são baseadas nelas”. [Tradução minha]. (CONRAD, 2005: 25).



Conchas enfeitam chapéu de mulher. (CONRAD, 2005: 25). [tradução minha].

Os elementos utilizados na criação de seu chapéu são predominantemente naturais. A confecção é feita com a estilização das conchas em torno de uma espécie de touca cujo resultado tem a intenção de embelezar e de proteger seu usuário, dada à condição mitológica e religiosa que envolve a concha com o objeto de importância cultural e espiritual.

A singularidade da ligação existente entre a arte e a sua realidade cultural nas sociedades da África é um aspecto com o qual a arte-educação precisa urgentemente aprender a lidar. Pesquisas podem publicar dados antropológicos, sociais, estatísticas econômicas e revelações revolucionárias quanto a realidades culturais e artísticas da África, entretanto, ao educador, cabe um papel indiscutível que pode funcionar plenamente independentemente destes dados – embora venha a se tornar mais fortemente argumentativo quando embasado neles – que é o de agenciar o conhecimento de cada especificidade cultural com olhares relativistas, praticar o conhecimento da arte áfrica e patrocinar tal conhecimento nas salas de aula possibilitando a arte como forma de expressão que requer uma educação para ver, analisar, compreender e se posicionar frente a estes estímulos visuais quebrando estereótipos existentes que sintetizam os

elementos simbólicos e materiais destas artes a partir de visões redutivistas ou preconceituosas.

PARA SABER MAIS:



Hauser, Arnold. História social da literatura e da arte. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1972. v. I
CÂNDIDO A. A literatura e a vida social. In: Literatura e Sociedade, 1980: 21.

CONRAD, David C. Empires of medieval West Africa : Ghana, Mali, and Songhay. p. cm. — (Great empires of the past) New York : Shoreline Publishing Group LLC, 2005. ISBN 0-8160-5562-9.

MODIGLIANI, Amedeo. In: Gênios, da pintura. São Paulo: Abril Cultural, 1980. v 3, pp.90 -112.

* **Valdinei José Arboleya** é Pós-graduando em História e Cultura Afro-brasileira e Africana pela União Pan-Americana de Ensino com pesquisas em arte, literatura infantil e etnicidade. Professor de Arte em projetos sociais e de Educação Infantil, exercendo, na cidade de Toledo, no Oeste do Paraná.

E-mail: vjarboleya@hotmail.com

